



HAL
open science

Morte e vida maghrebina

Flávia Nascimento

► **To cite this version:**

| Flávia Nascimento. Morte e vida maghrebina. 2004. halshs-00072329

HAL Id: halshs-00072329

<https://shs.hal.science/halshs-00072329>

Preprint submitted on 23 May 2006

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Morte e vida maghrebina

Flávia Nascimento é
doutora em Letras e Ciências humanas
pela Universidade Paris X e tradutora literária

Nos corredores da linguagem

Em *Topografia ideal para uma agressão caracterizada* (1a. ed. francesa, 1975), de Rachid Boudjedra, o espaço a que alude o título limita-se aos corredores do metropolitano parisiense, no qual se desenrola, pela breve duração de um dia, a aventura do herói anônimo - um imigrante argelino - que consiste em perder-se neste labirinto urbano subterrâneo do qual ele não sairá vivo. A intriga é, portanto, minimalista. Mas seu poder de impacto sobre o leitor é desconcertante, e ele vem todo da sofisticada arte do narrador.

Examinemos, pois, o funcionamento deste narrador. Qual é seu ponto de vista? Logo veremos que o narrador, aqui, entorpece deliberadamente o leitor através das oscilações de foco narrativo. Ora ele se confunde com o personagem central, ora assume a fala de outros personagens que aparecem episodicamente no decorrer de seu decurso pelo metrô parisiense. Em muitos momentos, o imigrante perdido no metrô é quem sente, mas quem fala, por sua voz, é outro. Retomando os termos de Gérard Genette (em *Figures III*), diríamos que, na narrativa de Boudjedra, a focalização é “variável”, oscilando entre uma “focalização zero”, que corresponde à onisciência do narrador, e uma “focalização interna”, que narra de acordo com o que sabe, vê e sente o personagem. Tal oscilação já revela, em si, uma estratégia narrativa do extravio, e seu impacto é ainda mais eficaz pelo fato de tornar possível a construção do texto colando-o à própria intriga minimalista de que falávamos há pouco: para contar o extravio de um homem perdido nos labirintos da cidade grande, nada melhor do que confundir deliberadamente os focos narrativos de modo a extraviar o próprio leitor, fazendo com que ele também se perca pelos corredores da linguagem.

A este expediente vem sobrepor-se outro, que diz respeito à maneira pela qual é tratado o tempo. Podemos dizer que a delgada intriga obedece à regra aristotélica clássica de

unidade de tempo, conformando-se à medida temporal de vinte-e-quatro horas. Mas o narrador explode esta regra, pois o tempo característico da sucessão cronológica abriga, na verdade, um tempo incomensuravelmente, esmagadoramente maior, que é o da temporalidade vivida pelo personagem central. Este vem se sobrepor ao primeiro por meio da utilização do estilo indireto livre, que permite profundos mergulhos na consciência do personagem: assim é que suas lembranças, projetos, temores, sonhos, vêm misturar-se a suas percepções presentes. Assim as impressões do herói substituem a importância da ação, praticamente nula numa narrativa sem intriga. Assim, também, o desfiar das lembranças e percepções reproduz, de certa maneira, um tempo em estado puro, isto é, o tempo em sua perpétua passagem, deslizando diante do leitor tal como as próprias palavras, imagens e frases¹. Em muitos momentos, a utilização do monólogo interior vem ainda reforçar a apreensão do caráter de “passagem” em que consiste o presente. Este recurso produz uma linguagem como que em surdo estado de larva, uma linguagem que não cessa de jorrar, minuto a minuto, das profundezas do espírito, que não pára de misturar as lembranças e sensações mais diversas. A matéria do monólogo interior é o próprio fluxo da consciência, pelo qual o personagem central é representado em seu solilóquio; seu objetivo não é o de contar uma aventura passada. Antes, o solilóquio permite vivenciar um presente que se esvazia continuamente, formando uma torrente de palavras e imagens em meio às quais o leitor às vezes sente dificuldade em se localizar. De fato, o monólogo interior é a forma mais perfeita para sugerir um presente visto de perto, bastante difuso e, ao mesmo tempo, suficientemente aberto para abarcar a totalidade do tempo: passado, presente, e projeções do futuro.

Um narrador que oscila constantemente de enfoque, um tempo delimitado que se desdobra em muitos outros: tais flutuações conferem uma ambiguidade ao texto, que será reforçada pela ambiguidade do espaço. Um único espaço - o metrô parisiense - desdobra-se em outro, por meio de um jogo que consiste em alternar as descrições do espaço urbano e a rememoração do espaço de origem – a aldeia natal. Assim o relato evolui em espirais, em idas e voltas constantes, e neste labirinto em que se sucedem as diferentes porém sempre idênticas linhas do metrô - linhas 5, 1, 12, 13 e 13 bis - o único fio de Ariadne de que dispõe o leitor é a angústia do estrangeiro entregue à cidade devoradora.

¹ Um expediente que viabiliza este efeito é a utilização sistemática do gerúndio (pouco usual na língua francesa, aliás). Em nossa tradução, de maneira geral foi possível manter o uso deste tempo verbal.

“ *Butim de guerra* ”

É sabido que a obra literária basta-se a si mesma. Mas nem por isso algumas indicações sobre o contexto em que ela nasce deixam de ser úteis. Daí o interesse de lembrar aqui alguns dados históricos. Antes de mais nada, o passado comum entre França e Argélia, ou melhor, o passado colonial: a ocupação francesa teve início em 1830, data da invasão de Argel pelas tropas a serviço de Charles X, e só chegaria ao fim 132 anos mais tarde, após uma terrível guerra de liberação que durou de 1954 a 1962, e da qual a Argélia finalmente saiu independente. A literatura argelina de língua francesa nasceu por volta de 1920 e afirmou-se entre 1945 e 1950, com o florescimento do gênero romance; os romances publicados então consistiam sobretudo em descrições da vida quotidiana de cunho etnográfico, sempre marcadas pelo impacto da colonização; a partir de 1950, com a crescente mobilização pela independência nacional, os romancistas de então (entre outros, Mohammed Dib e Moulod Feraoun) colocaram-se progressivamente a serviço da revolução.

Rachid Boudjedra pertence a uma geração posterior – ele nasceu em 1941 – para a qual este engajamento já não era imperioso, posto que toda sua obra foi concebida após a independência da Argélia. Entre seus temas mais recorrentes, aparecem, por exemplo, as contradições da sociedade argelina do período pós-independência, dilacerada entre modernidade republicana e respeito às tradições de cunho feudal (seu primeiro romance, *La Répudiation*, publicado pelas edições Denoël em 1969, é um violento grito de revolta contra a situação da mulher e o esmagamento das gerações mais jovens pelo peso da figura do pai). Sua obra insere-se no espaço geral do romance argelino do pós-guerra, que não se limita apenas às fronteiras do país de origem, mas que compreende também, por razões históricas, a imigração argelina européia, especialmente francesa, tal como se vê em *Topografia ideal para uma agressão caracterizada*².

Toda a literatura argelina de expressão francesa é, pois, resultante deste fenômeno que consiste em se apropriar da língua do colonizador - a língua do Outro - como língua literária. Kateb Yacine, outro grande escritor argelino, hoje desaparecido, referia-se à língua do colonizador como um verdadeiro “ *butim de guerra* ”. De fato, a tensão dialética decorrente desta apropriação que muitas vezes conferiu à língua do colonizador/invasor um caráter de

² Nos últimos anos, Boudjedra tem escrito também em árabe.

fala liberadora, também abre, de certa forma, um caminho de passagem mais direto do local ao universal.

O mito às avessas

Estes elementos históricos remetem a outro aspecto interessante de *Topografia ideal...*, que é também uma narrativa que põe em cena a capital francesa, e que faz pensar no mito literário de Paris, este “mito moderno”, como disse Roger Caillois. Um mito de diversas facetas, entre as quais a de “cidade-luz”, expressão imortalizada pela memória coletiva, e segundo a qual a capital francesa aparece como um concentrado de esplendores: cidade da cultura e das artes, da revolução, do amor, das canções, dos prazeres mundanos. Mas a perspectiva da representação de Paris aparece aqui como que invertida, pois a topografia parisiense segundo Boudjedra reduz a cidade a um lugar subterrâneo, a uma região de obscuridade simbólica por excelência, pela qual se constrói a imagem de uma Paris antípoda do mito da “cidade-luz”. Tal inversão se completa pelo fato de a narrativa por em cena ainda a relação de um homem triplamente despossuído de si mesmo - estrangeiro, imigrante e analfabeto – com a cidade de Paris. E como se não bastasse, uma Paris transformada em palco do ódio racista.

O mito é aqui revisitado na pele do personagem extraviado nas tripas urbanas do metropolitano; assim, às avessas, ele desvenda o ódio da alteridade que explode na confrontação de dois mundos: de um lado, o excluído, o analfabeto em busca de trabalho e sobrevivência e, de outro, a cruel e opulenta urbe ocidental, “cosmos linguístico” (Walter Benjamin) repleto de imagens, de ruídos, de signos, enfim, de tudo o que o estrangeiro abominado não pode decifrar. A universalidade deste tema que já originou tantas obras em línguas diversas encontra um eco longínquo, por exemplo, tanto em certos versos de João Cabral de Melo Neto quanto no poema “Construção”, de Chico Buarque. E sua atualidade é desesperadoramente real: quer sejam eles nordestinos em São Paulo, indianos em Londres, haitianos em Nova Iorque, turcos em Berlim, angolanos em Lisboa ou argelinos em Paris, nosso mundo ainda está repleto de “severinos”...